



FORMAÇÃO:  
AS NOVAS GERAÇÕES  
E OS CONFLITOS  
INSTITUCIONAIS E  
GERACIONAIS

Equipe Novas  
Gerações da  
Conferência dos  
Religiosos do Brasil

## Introduzindo o tema

Falar sobre os conflitos das Novas Gerações (NG) no contexto institucional e geracional não é exatamente retratar aspectos negativos da Vida Religiosa (VR). Os conflitos podem gerar crises saudáveis por desinstalar, podendo levar ao crescimento pessoal e relacional, bem como dos projetos institucionais. Obviamente que este resultado positivo não é automático, mas fruto de abertura, diálogo e discernimento mútuo.

Os conflitos geracionais estão ligados ao tema da interculturalidade, que, por sua vez, é complicado e difícil, mas pode ser positivo ao mesmo tempo. É difícil por ser um tema que aborda o que está dentro de cada cultura, mas ao mesmo tempo de cada pessoa, pois cada ser tem sua história e uma forma própria de assimilar o que é apresentado pelo contexto. No caso das diferentes gerações (idades e tempos formativos) que estão na VR, esta abordagem deve fazer parte do cotidiano para discernir, valorizando e compreendendo seus valores e contra-valores.

## Diferenças que geram conflitos

Sabemos que as diferenças não são bem aceitas entre nós, por gerarem disputa, rivalidade e conflitos gerais. Contudo é o diferente que nos dá notícia sobre nós mesmos/as. A criação já nos traz o tema da diversidade, do diferente quando nos revelada em sua fauna e flora tão distinta. Não somos iguais e isto é belo, não ruim. Contudo a diversidade está inserida em culturas que contém belezas e feiuras, potenciais positivos e limites.

Dizer que as diferenças são saudáveis não é o mesmo que supervalorizar a cultura onde as diferenças emergem. A cultura não é essência, fim em si mesma, mas processo, construção. Para ser válida esta tem que fazer bem às pessoas e à sociedade como um todo, não somente justificar os benefícios de alguns. Pensar assim evita a absolutização dos vícios culturais e suas ideologias. A verdadeira cultura deve envolver os seguintes temas: identidade e alteridade; as ideologias que são imposições de valores pelo mercado; os conflitos gerados pelas

diferenças e o simbólico, ou seja, a esperteza do mercado que nos despertam desejos.

O papa Francisco nos alerta que o cristianismo não deve ser monocultural, refém de uma única expressão cultural. Mas ao contrário, deve ser transcultural, como possibilidade de abertura ao novo. Nós, brasileiros, somos um país mestiço, de diversos, porém somos contra o que é mestiço, diferente, somos fóbicos às diferenças.

### As Novas Gerações neste contexto

O tema da cultura na VR traz reflexo das imposições do que é chamado de globalização. O movimento de imposição tem como contração reação uma sobreposição da individualização de cada religioso/a que chega à instituição como necessidade de auto-afirmação, em uma atitude de manutenção, para salvar-se e não diluir-se.

Toda VR faz parte deste contexto que envolve a cultura e suas ideologias, mas é fato que as NG são mais afetadas, por serem nativas, ou seja, pertencerem a

este tempo. É notória que boa parte das NG expressam de forma marcante estas expressões acima refletidas dentro das instituições religiosas, encontrando resistência do grupo aí instalado, guardiões dos valores e costumes: eis os conflitos geracionais potencialmente emergindo.

Diante dos conflitos geracionais e institucionais propõe-se, de forma breve, olhar três dimensões. O primeiro diz respeito às NG, visto desde os processos formativos iniciais. O processo formativo deve ter uma atenção especial, através do acompanhamento personalizado, para detectar tanto o que é valor, protagonismo, quanto o que é negativo, os contra valores que chegam junto com a história da pessoa na VR.

A segunda dimensão diz respeito a acolhida do diferente, de quem chega na VR com seus dons e limites. É fato que não temos a opção de nos escolhermos, mas temos a opção de nos acolhermos. Quem já está na caminhada deveria proporcionar acolhida e presença capazes de desper-

*O tema da cultura na VR traz reflexo das imposições do que é chamado de globalização.*

tarem para consciência crítica e política, que podem possibilitar o crescimento e cultivo vocacional desta pessoa religiosa que venha a contribuir não somente com a instituição religiosa da qual faz parte, mas na Igreja e sociedade.

Por fim a terceira dimensão aborda a instituição, enquanto estrutura que deve acolher quem chega e ajudar quem está na administração destes conflitos. Esta estrutura é retratada em seus representantes, administradores/as escolhidos/as para fazer valer seus projetos, provocar para que os projetos individuais encontrem ressonância institucional. Outros aspectos importantes no papel institucional provoca para circularidade nos papéis de lideranças exercidos na casa de formação (economia, coordenação...), bem fazer o exercício do diálogo diante dos conflitos.

Sabendo exercer os papéis institucionais, fraternos e pessoais, a possibilidade da VR transformar os conflitos em aprendizados será um grande ganho. O tema sobre os conflitos intergeracionais e ins-

titucionais é amplo e não será esgotado nesta tão breve reflexão.

Um caminho possível diz respeito à busca de equilíbrio entre os pólos, verdades pessoais e necessidades dos outros. O pólo da passividade denuncia um processo formativo que infantiliza e apadrinha, muitas vezes, aburguesando, através de privilégios e ociosidades. Este esquema vai na contramão da realidade do povo de Deus que precisa trabalhar, estudar e dar conta de sua missão pastoral. No outro lado do pólo está uma vida religiosa excessiva nas tarefas, internas e externas, ao ponto de sufocar e fazer perder o sentido vocacional.

*A possibilidade da VR transformar os conflitos em aprendizados será um grande ganho*

Nos últimos anos (2007-2013) fizemos uma pesquisa nacional com as NG, que apontou três grandes áreas a serem mais bem trabalhadas, pois emergiram como desafios e fragilidades: a convivência fraterna, a afetividade e sexualidade e a espiritualidade. Diante destes temas, os polos da sobrecarga ou da infantilização e aburguesamento não ajudam. Ao contrário, deixam à margem a real

necessidade da VR jovem. Não somente deixam de atender às reais necessidades, como impedem o protagonismo saudável das NG. Dizemos saudável porque não vemos protagonismo em alguém com muitas tarefas, títulos e cargos que impeça de vivenciar e dar consistência ao que lhe é próprio na VR: experiência de Deus, aprofundamento do carisma, e vivência da dimensão missionária. Estes três pontos são essenciais e devem constar em um projeto de vida ajustado com o carisma pessoal e as necessidades da instituição religiosa e eclesial, bem como serem contextualizados socialmente.

Creio que tratar sobre os riscos de uma formação que pode proporcionar a infantilização e aburguesamento, alertam para um tipo de VR apática que não só terá dificuldades de gerar lideranças equilibradas (que não visem carreirismo), como também o risco da instalação na instituição como ‘ninho’ ou lugar de acomodação. O incentivo ao protagonismo dentro e fora da instituição, de forma equilibrada, conjugando o senso

político com a profundidade na experiência de Deus, com uma mística que dê conta de revelar uma fé madura, é o que precisam as NG para expressarem uma VRC mais atuante no campo eclesial e político social.

A atenção ao processo formativo nas instituições religiosas e continuidade do incentivo que vem dando a CRB Nacional às NG são apoios necessários para seu protagonismo e perseverança.

O incentivo ao protagonismo dentro e fora da instituição, de forma equilibrada, é o que precisam as NG

### Conclusão

Esta breve reflexão teve a intencionalidade de provocar, um olhar mais atento, para um protagonismo das Juventudes no campo social, na dimensão eclesial e diversos eventos ligados à defesa da vida, bem como das NG no âmbito da VR.

O olhar crítico para a história nos mostra que, no período da ditadura militar em nosso país, o futebol e outros eventos lúdicos eram utilizados para ocultar a tortura, repressão e assassinatos. Assim, se faz necessário cuidar

para que saibamos ver e aprendamos o que têm sinalizado as novas formas de manifestações, tanto das Juventudes no campo social, quanto das NG.